



# VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est

Culturas políticas e conflitos sociais



## *AUSCHWITZ E TREBLINKA: O COTIDIANO DA MORTE NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E EXTERMÍNIO SOB DOMÍNIO NAZISTA*

Evelyn Reis Bergamim<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente comunicação tem como objetivo apresentar alguns elementos do funcionamento e cotidiano em dois dos campos de concentração e extermínio, Auschwitz e Treblinka, por meio dos testemunhos de sobreviventes do Holocausto. A partir da tomada do poder por Hitler, com o estabelecimento da ditadura do partido nazista, com o controle de diversos setores dentro da política alemã e sendo a suprema autoridade judicial, uma série de leis e ações antissemitas foram gradativamente impostas aos judeus. Em 1933 iniciou-se o funcionamento dos campos de concentração, um dos principais símbolos da violência perpetrada pelos nazistas, que aos poucos se tornaram um mundo à parte por meio do desenvolvimento de regras, privação de individualidade das vítimas, sistematização administrativa, da vida e da morte. Estes campos sofriam alterações e aperfeiçoamentos em sua estrutura física e organizacional em acordo com as necessidades, marcados principalmente pela transição

---

<sup>1</sup> Formada em História (UFES), especialista em Literatura, memória cultural e sociedade (Faculdade Luso Capixaba) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFES). O presente artigo é parte integrante dos resultados obtidos do meu projeto de Iniciação Científica intitulado Vida e memória nos campos de concentração nazistas.

da Solução Territorial para a Solução Final, o genocídio, que os transformou e ergueu os campos de extermínio.

Palavras-chave: Holocausto; Campos de concentração; Testemunho de sobreviventes do Holocausto; Treblinka; Aushwitz.

**Abstract:** The purpose of this communication is to present some elements of daily functioning in two of the Auschwitz and Treblinka concentration and extermination camps through the testimonies of Holocaust survivors. From Hitler's seizure of power, with the establishment of the Nazi party dictatorship, with control of various sectors within German politics and being the supreme judicial authority, a series of anti-Semitic laws and actions were gradually imposed on the Jews. In 1933 the concentration camps began, one of the main symbols of the violence perpetrated by the Nazis, who gradually became a world apart by the development of rules, deprivation of individuality of the victims, administrative systematization, life and of death. These fields underwent changes and improvements in their physical and organizational structure in accordance with the needs, marked mainly by the transition from the Territorial Solution to the Final Solution, the genocide, which transformed them and erected the extermination camps.

Keywords: Holocaust; Concentration camps; Testimony of Holocaust survivors; Treblinka; Aushwitz.

A começar de 1933, com o início de sua ditadura, Hitler organizou uma força policial especialmente para garantir que as políticas nazistas fossem aplicadas, declarou estado de emergência e aboliu direitos individuais, incluindo a liberdade de imprensa, de expressão, de reunião e à privacidade, assim os nazistas podiam ler correspondências, escutar conversas telefônicas e revistar casas sem necessidade de mandado de busca ou apreensão, além da imposição de uma série de leis antissemitas que foram sendo

impostas aos judeus. O conceito ideológico de *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo) foi decisivo para os nazistas, pois excluiu minorias determinadas considerando-as inimigas internas.

Em 1º de abril de 1933 foi estabelecida a primeira ação nacional de ataque, o boicote a todos os profissionais liberais judeus, empresas pertencentes a judeus e privação dos seus direitos políticos, sociais e de cidadania, agravando-se com as posteriores Lei da Restauração do Funcionalismo Público Regular que previa a imediata aposentaria de todos os funcionários públicos de “origem não-ariana”, Lei de Admissão à profissão legal retirando os judeus do judiciário e com o estabelecimento da invalidação da naturalização de judeus orientais entre 9 de novembro de 1918 e 30 de janeiro de 1933 instituída pela Lei de Revogação de naturalização e reconhecimento de cidadania alemã, e caso as leis fossem descumpridas, o judeu seria castigado com trabalhos forçados. Todas as leis e políticas antissemitas instituídas, segundo Dwork e Pelt (2002), foram altamente propagadas por meio da Juventude Hitlerista, livros didáticos, artigos e filmes, a fim de se tornarem de conhecimento geral do povo alemão.

Em 1938, o Jornal oficial da SS *Das Schwarze Korps* trazia os seguintes dizeres “os judeus devem ser expulsos de nossos distritos residenciais e segregados a lugares onde ficarão entre seus iguais, mantendo o menor contato possível com os alemães [...]”, demonstrando de forma direta o desejo de eliminação, tendo sido este ano marcado pela *Kristallnacht* (noite dos cristais quebrados) ocorrida em 9 de novembro, na qual membros do partido nazista perseguiram, insultaram e agrediram os judeus além de destruírem e queimarem milhares de estabelecimentos comerciais judaicos, sinagogas, escolas por todo o país. Os judeus capturados durante a *Kristallnacht* foram enviados a campos de concentração, onde ao chegarem eram brutalmente surrados com pás, porretes e chicotes nos corredores de acesso, e quando caíam eram ainda mais surrados, ao final desta ação alguns morreram, crânios foram despedaçados e muitos ficaram inconscientes.

Os judeus respondiam pelos seus próprios atos e por toda a grande comunidade de raça que pertenciam, em que o ataque emocional fez parte dessa nova realidade, com empresas e casas pichadas com grandes estrelas de Davi, como destaca Dwork e Pelt (2002). Arendt (1989) enfatiza a linha de ação dos nazistas que começaram o extermínio dos judeus primeiro pela privação de toda condição legal, da condição de cidadãos, do seu direito de ação, da relevância da fala e separando-os do mundo para ajuntá-los em guetos e campos de concentração.

Iniciados como campos para prisioneiros políticos, os campos de concentração inaugurados em 1933, foram criados devido ao número elevado de prisioneiros, subversivos da sociedade, principalmente comunistas. Buscando fornecer informações positivas para a população, segundo Goldhagen (1997), a propaganda nazista enfatizava o fator educativo do trabalho sobre os prisioneiros cuja disciplina e a obediência eram tidos como a única maneira de recuperação da razão, e vantagens econômicas para a região que sofria com o desemprego. Neste início, as mortes dentro do campo eram tratadas como uma medida de autodefesa dos guardas.

Segundo Gellately (2001, p. 109) “os campos de concentração aos poucos se tornaram um mundo à parte, principalmente após a nomeação para inspetor dos campos de concentração do então Comandante de Dachau, Theodor Eicke”, que organizou e sistematizou a vida e morte por meio do desenvolvimento de regras, de um código de conduta para os guardas e de uma estrutura administrativa contando com os departamentos de gerência, político e médico do campo.

O ápice do funcionamento dos campos ocorreu a partir da desistência da ideia de Solução Territorial, que apesar das várias tentativas e adaptações, se mostrou ineficiente para atender o objetivo desejado, o qual tratava-se da deportação em massa de judeus para locais que não ofereciam condições para a criação de uma nova vida, em que isolados do mundo, morreriam lentamente. Em 20 de janeiro de 1942, ocorreu a Conferência de Wannsee, em que oficiais do alto escalão do Partido Nazista e líderes do governo alemão reuniram-se a fim de discutir e assegurar a cooperação na

implementação da Solução Final para a questão dos judeus na Europa, na qual testes e experiências estavam sendo realizados em anos anteriores.

O extermínio deliberado e cuidadosamente planejado de populações inteiras de judeus e outras minorias, realizado principalmente através do fuzilamento em massa, fome programada, trabalho forçado, gás e marchas da morte, que combinou a utilização simultânea das formas de ataque desenvolvidas desde a ascensão do partido nazista estava oficialmente implementado, deflagrando uma corrida para efetuar todos os preparativos necessários, organizacionais, funcionais e materiais para o extermínio dos judeus.

A evolução do método de extermínio perpassou várias fases e experiências que objetivavam a rapidez, a eficácia, a impessoalidade e o baixo custo, culminou na criação das câmaras de gás estacionárias de hidrocianeto e o uso de cristais de Zyklon B, para dar fim aos corpos foram adquiridos *krematorien* (fornos crematórios) e *knochenmühle* (moedores de ossos). Alguns campos já existentes, a exemplo de Auschwitz que entrou em operação em 1940 como campo de concentração para resistentes e intelectuais poloneses, foram escolhidos para passarem por modificações a fim de atender estrutural e administrativamente as operações de extermínio pretendidas, enquanto outros foram construídos rapidamente exclusivamente para este propósito, como Treblinka, que esteve em operação de julho de 1942 a outubro de 1943, segundo Dwork e Pelt (2002).

Tendo estes campos como destino, os prisioneiros desciam dos trens lotados recebidos pela guarnição do campo que diziam ser o local apenas uma estação de transição, onde a desinfecção seria feita por motivos higiênicos, recolhendo-lhes as roupas e pertences com a promessa de logo serem devolvidos. Todos eram levados ao pátio para a seleção onde eram separados os velhos, crianças, homens e mulheres sadios.

Os velhos e crianças eram mandados para as câmaras de gás ou deportados para os campos de extermínio, já os jovens, homens e mulheres aptos ao trabalho eram levados de fato para a desinfecção, passando por etapas de higiene básica para evitar problemas de epidemias e doenças ainda maiores no campo. Em Auschwitz, com o

objetivo de evitar resistência, os homens eram levados primeiro, calmamente, sem histeria, diferentemente de Treblinka, onde as mulheres e crianças iam na frente.

Ao chegar em Auschwitz, Nyiszli (1960) relata que o mais impressionante para ele foram as enormes labaredas de fogo subindo pelas hastes colocadas nos quatro ângulos da chaminé, a qual apontava ser parte dos fornos crematórios.

Um guarda levou-me para outro barracão, em cuja entrada estava escrito "Banhos e Desinfecção" [...], revistou-me e ordenou que me despisse. Um barbeiro aproximou-se e raspou primeiro a minha cabeça, depois o resto dos pêlos de todo o corpo e me mandou para o chuveiro. Esfregaram minha cabeça com uma solução de cloreto de cálcio, que queimou tanto meus olhos que não pude abri-los durante vários minutos. No outro quarto minhas roupas foram trocadas por um paletó pesadão, quase novo, e umas calças listradas. Devolveram-me os sapatos após terem-nos mergulhado num tanque com a mesma solução de cloreto de cálcio (NYISZLI, 1960, p. 31)

Na rotina de Auschwitz, como conta Gilbert (2010), os prisioneiros tinham de se levantar às 3h30 da madrugada e recebiam como primeira refeição chá de ervas, às 5 horas marchavam para seu lugar de trabalho de onde retornavam entre 18 e 19 horas da noite aos procedimentos do campo, em que uma das tarefas era carregar os corpos de seus companheiros prisioneiros assassinados no trabalho pelos homens da SS. O jantar era constituído de água quente sem sal, com pedaços de beterraba ou fragmentos de urtiga nadando nela, e cem gramas de pão.

[...] não tinham muito tempo para dormir: o toque de alvorada soava às três da manhã. Então, os guardas, armados com porretes de borracha, arrancavam os prisioneiros de suas "camas". Ainda meio dormindo, eles eram jogados para fora dos barracões a cotoveladas e pontapés, e imediatamente alinhados.

Começava a parte mais desumana do programa do KZ: a chamada. (NYISZLI, 1960, p.33)

A chamada descrita por Nyiszli também era referida por outros sobreviventes como contagem ou *Appell*, cuja era feita regularmente, todos os dias antes do desjejum pela manhã, antes de serem encaminhados para o trabalho e ao voltarem do trabalho, mas poderia ser feita quando lhes fosse conveniente, a qualquer hora do dia, quantas vezes fosse desejada. Para isso, os prisioneiros ficavam em pé por horas, no frio extremo sem roupas adequadas tendo que se mostrar fortes e úteis, pois caso contrário eram selecionados para a morte.

Se uma fila não estivesse irrepreensivelmente reta, todos os outros teriam que ficar lá por mais uma hora — as mãos suspensas sobre a cabeça e as pernas tremendo de cansaço e frio. Pois, mesmo durante o verão, as madrugadas de Auschwitz eram frias e o uniforme de tecido leve dos prisioneiros não oferecia muita resistência à chuva e ao frio. (NYISZLI, 1960, p.34)

De acordo com Steiner (1978, p. 128), no início a chamada em Treblinka era rudimentar, feita em duas etapas e não havia recontagem dos prisioneiros, a primeira etapa, com duração de tempo variada, era dedicada ao manejo dos casquetes, em que ao ouvir a ordem “*Mützen ab!*” deviam descobrir-se com um gesto rápido e bater todos na coxa direita com o casquete, à ordem “*Mützen auf*” deveriam recolocar o casquete”, a segunda parte da chamada era um discurso agressivo e quando necessário era informativo aos prisioneiros sobre modificações introduzidas no regulamento.

Para as mulheres a menstruação era um problema pois elas não dispunham de toalhas higiênicas ou qualquer outro meio de absorver o fluxo, e o sangue escorria pelas pernas quando se achavam na *Appell* para o trabalho. Às prisioneiras de Auschwitz era dado um líquido que não era café, mas era chamado de café, que segundo a sobrevivente

Lidia Vago, continha brometo para interromper a menstruação. Por fim o ciclo menstrual não se tornou um problema sério ao extremo, pois como consequência da dieta pobre em nutrientes e da grande perda de peso as mulheres pararam de menstruar naturalmente.

Frankl (2015, p.20) testemunha que no período em que esteve em Auschwitz a alimentação diária consistia numa sopa bastante aguada distribuída uma vez durante o dia, e uma minúscula ração de pão, “além disso, havia o chamado extra, que podiam ser vinte gramas de margarina, ou uma rodela de lingüiça de má qualidade, ou um pedacinho de queijo, ou mel artificial, ou uma colher de marmelada rala, etc., alternando a cada dia.”

Uma estratégia comum utilizada por muitos prisioneiros em vários campos era guardar pedaços de comida, principalmente pão, em suas roupas, para em casos extremos terem uma pequena reserva a fim de manter-se ao menos em pé e conscientes. Como conta Viktor E. Frankl (2015), este era um momento bastante difícil, estando com uma fome terrível, pegar um mísero pedaço de pão, mordiscar e guarda-lo novamente. Haviam também aqueles que comiam tudo o que recebiam no mesmo momento por medo de roubo ou ser descoberto.

No período que Chil Rajchman (2010) ficou em Treblinka a rotina era um pouco diferente, segundo seu depoimento, às 5 horas da manhã a campainha ecoava e após o café com pão iniciava-se o trabalho. Ao som de uma orquestra, às 18 horas cessavam o trabalho e formavam filas de cinco para a chamada feita pelo chefe dos *kapos*, após a contagem, avançavam em fila para a última refeição, e às 21 horas o galpão era trancado.

A disciplina era sempre exigida. Mesmo não oferecendo nenhuma condição de higiene e limpeza os prisioneiros deveriam manter-se o mais limpo possível, com aspecto e postura saudáveis para não serem abatidos. Suas principais preocupações eram de não machucar o rosto e manter-se em atividades que dessem alguns dias de vida a mais que outras. Em Treblinka, os marcados tinham um nome especial, na linguagem do campo eram designados por *klepssidra* (areeiro) e a cada tarde os técnicos precediam

a chamada destes. Os que apresentavam espontaneamente, em recompensa a sua honestidade, recebiam uma bala na nuca na borda da fossa cujas chamas eram alimentadas com enxofre, porém aqueles que não se apresentavam, eram depois encontrados e abatidos a golpes de pá. O *klepssidra* poderia evidentemente tomar a iniciativa de se apresentar, porém, por falta de espelhos ou de alguma superfície que pudesse refletir sua imagem, alguns nem sabiam que estavam no grupo dos marcados, como relata Steiner (1978).

Em Auschwitz o mesmo ocorria. Na sua primeira noite no campo, Frankl (2015) conta que recebeu a visita clandestina de um prisioneiro em sua barraca que aconselhou o seu grupo de recém-chegados a sempre manter-se limpos, de barba feita a qualquer custo e sem ferimentos no rosto, caso contrário, era certo que seriam mandados para a câmara de gás. Levi (1988), sobrevivente de Auschwitz, relata que a cada dia de manhã os prisioneiros deveriam arrumar a cama e deixá-la plana e lisa, passar graxa nos tamancos barrentos e raspar das roupas as manchas de barro, à noite passavam pelo controle de piolhos e à lavagem dos pés.

Com o aumento do número de prisioneiros que chegavam aos campos de extermínio medidas e métodos para a melhor organização de todo o processo deveriam ser pensadas e aplicadas rapidamente, desde a chegada dos comboios cheios de pessoas desesperadas até a destruição dos corpos. A solução encontrada pelo comandante de Treblinka foi transformar a esplanada aonde chegavam numa falsa estação por meio do aterro do solo até a altura das portas dos vagões para ter o aspecto de uma plataforma e facilitar o desembarque, diminuindo o tempo que estava sendo desperdiçado com a contenção de pessoas. Segundo Steiner (1978, p. 204), paralelamente a esta corria uma fileira de barracas onde ficavam empilhados os fardos destinados a expedição imediata, cujas se abriam no pátio de triagem e apresentavam do lado da plataforma uma extensa parede de tábuas com uma série de portas e janelas falsas pintadas em cores alegres e convidativas as inscrições: “chefe de estação”, “WC”, “enfermaria” e “guichê do caixa”, além de alguns canteiros, que emprestaram ao conjunto um aspecto limpo e festivo.

Ao lado do guichê, um grande painel anunciava as horas de partida dos trens para Varsóvia, Bialystok, Wolkowisk, à esquerda das barracas abriam-se duas passagens na cerca de arame farpado, na qual a primeira dava acesso ao pátio onde os judeus eram despidos de suas roupas e depois encaminhados as câmaras de gás, e a segunda conduzia ao “hospital” em que as vítimas recebiam uma bala na nuca ou injeção mortal e eram jogadas em valas.

Outra medida que visava iludir as vítimas estava presente nos manuais uma técnica conhecida como “técnica do guardanapo” utilizada em Auschwitz e Treblinka, onde antes de entrarem nas câmaras de gás, na porta, as vítimas recebiam guardanapos de papel. O comandante chefe Rudolph Hoess, em seu julgamento em Nuremberg, afirmou que este método não apenas evitava a desordem, mas era mais humano e orgulhava-se da estratégia.

Segundo o testemunho de Frankl (2015, p.29) uma alegria que se podia ter com a notícia de deportação ou deslocamento para outro campo de concentração era de saber que este não teria crematórios, podendo desta forma ter a esperança de sobrevivência já que não seriam mandados direto para as câmaras de gás.

No segundo semestre de 1944, a maioria dos judeus que chegavam a Auschwitz continuaram a ser mortos por gás utilizando-se uma nova técnica de encaminhamento destes às câmaras, segundo depoimento assinalado por Gilbert (2010), por meio de uma recepção com orquestra composta por moças internas jovens e bonitas bem vestidas com roupas branca e azul que tocavam melodias alegres, informando-os que aquele era apenas um campo de transição e trabalho.

Em Auschwitz-Birkenau, segundo Gilbert (2010), a regra imposta era de fazer o uso das câmaras de gás apenas para grupos maiores de 200 pessoas a serem exterminadas e caso o número de pessoas a serem mortas por gás não fosse grande o suficiente, eram baleados e queimados em covas. Ainda em Auschwitz-Birkenau, os cadáveres de mais de cem mil judeus, mortos na câmara de gás durante outono de 1942, tinham sido jogados em covas profundas. Com a chegada de grandes comboios judeus ao campo,

duzentos do *Sonderkommando* e outros duzentos judeus receberam a ordem de arrastar os corpos das covas para os fornos crematórios, escavar e queimar os cadáveres remanescentes através de enormes piras construídas com ripas de madeira encharcadas em gasolina, onde os corpos seriam alçados. Esta ação tinha como propósito maior a tentativa dos nazistas de encobrirem ao máximo os seus crimes, sempre em buscar de diminuir as provas corroborativas destes.

Em Treblinka, seguindo-se a uma visita de Himmler, foram dadas ordens para abrir as covas e queimar as centenas de milhares de cadáveres que tinham sido descarregados nas imensas valas atrás das câmaras de gás. Yankel Wiernik relata este acontecimento:

Onde quer que uma sepultura fosse aberta, um fedor terrível poluía o ar, já que os corpos estavam em estágio avançado de putrefação. Ocorreu que as mulheres ardiam mais facilmente que os homens. Por essa razão, os cadáveres de mulheres eram usados para acender as fogueiras. A imagem era terrível, a pior que olhos humanos já observaram. Quando cadáveres de mulheres grávidas eram cremados, o abdome estourava e a incineração do feto dentro do corpo da mãe se tornava visível. (GILBERT, 2010, p. 577)

A ação psicológica era muito utilizada com a criação da psicose do medo, a exemplo do comandante de Treblinka, Kurt Franz, subia nos montes de roupas dispostos no pátio com sua arma e apontava para o alto atirando ou libertava os cachorros das coleiras, para pressionar e ameaçar os prisioneiros enquanto trabalhavam. De acordo com Steiner (1978), como tais medidas não exigiam a menor participação dos prisioneiros, concebeu então uma terceira, o canto do hino que viria se tornar oficial de Treblinka, o qual seria repetido pelos judeus uma dezena de vezes por dia, na ida para o trabalho e na volta dele, durante a chamada, sempre que se deslocavam de um lugar para outro. Kurt Franz dizia: “só pararão de marchar quando eu sentir que as

palavras não saem apenas dos lábios, mas vêm do íntimo do coração de cada um” (STEINER, 1978, p. 166).

Para o funcionamento, manutenção e expansão de toda a máquina de extermínio era utilizado principalmente o trabalho dos prisioneiros a partir da ideologia pregada pelos nazistas acerca de um sistema lógico de que se trabalhassem arduamente teriam a vida salva, com isso era importante manter-se saudável, produtivo, submisso e necessário para ter a vida poupada.

A organização dos campos e conseqüentemente a organização dos prisioneiros relacionavam-se as tarefas que eram divididas, basicamente, em três categorias que são transporte de cadáveres, manutenção dos vivos e de seus pertences e conservação do campo. Para que o campo funcionasse sozinho era necessário organizá-lo em autoadministração, ou seja, os próprios judeus serem os responsáveis pelo rendimento e disciplina. Desde a viagem nos trens até a vivência nos campos de concentração, um judeu era sempre nomeado chefe de grupo, o qual era responsabilizado ora pelo comboio e fuga, ora pelo bloco e sua organização, e no trabalho forçado. Por vezes, para salvar a própria vida, o chefe do bloco tomava decisões ou tinha atitudes que não beneficiavam os companheiros, desta forma os próprios judeus eram forçados a colaborar com o sistema.

Alguns prisioneiros paravam, apoiando-se sobre as pás ou picaretas. Não por muito tempo. Os olhos vigilantes dos chefes de grupos só esperavam que alguém parasse para poder berrar alto, ameaçando a todos e distribuindo os pontapés à esquerda e a direita. Eram nojentos. Judeus como nós, prisioneiros também, colaborando com os alemães daquela maneira (NICHTHAUSER, 1976, p. 136).

Em campos de extermínio sobreviviam, pelo menos de imediato à chegada, pessoas que eram úteis ao trabalho na organização do campo, ou no caso de Auschwitz,

se fossem interessantes às experiências médicas largamente realizadas neste campo com crianças, gêmeos, doentes mentais, mulheres, anões, entre outros com características diversas.

Treblinka e Auschwitz tinham uma dupla função, o extermínio principalmente de judeus e recuperação de suas roupas, dinheiro, valores e objetos diversos, a qual era feita com cuidado e sua importância defendida pelo alto escalão nazista. Como conta Steiner (1978), o comando da estação, ou comando azul, era encarregado de recepcionar os comboios, de fazer desembarcar judeus, de juntar-lhes as bagagens e de limpar os vagões. Ao comando vermelho incumbia a missão de ajudar os passageiros dos comboios a desnudarem-se e de transportar suas roupas a praça de triagem, já os incapazes e crianças eram encaminhados diretamente para a morte. O pátio da chamada era onde os comboios deixavam suas roupas, a oeste um imenso terraço onde eram armazenados objetos e roupas, apelidados de praça dos trapos ou de triagem, esses prisioneiros receberam a designação de *Platzjuden* “judeus da praça”. Esta triagem passou por aperfeiçoamento, em que todas as roupas e pertences deviam ser inspecionados cuidadosamente para não permanesse sinal algum de que haviam pertencido a judeus, o comandante determinou que cada trabalhador deveria inscrever seu número de matrícula sobre os fardos que empacotava, com isso tornou-se mais fácil localizar o autor de um pacote defeituoso.

Em Auschwitz todos os pertences recolhidos dos judeus eram levados para o “Canadá”, cabanas em que os judeus, sobretudo mulheres, de um assim chamado “comando de liquidação”, os classificava e preparava para o despacho para a Alemanha. Como conta Rudolf Vrba era “um pátio retangular enorme com uma torre de vigia em cada canto e rodeado por arame farpado. Havia diversos depósitos enormes e um bloco do que pareciam escritórios com um balcão quadrado, aberto em um canto” (GILBERT, 2010, p.546).

Steiner (1978) em seu testemunho relata que em Treblinka havia a praça de triagem do ouro onde os prisioneiros deveriam deixar espontaneamente todos os

objetos de ouro que carregassem consigo e após os cortes de cabelo, no “caminho do céu” procedia-se ao controle final. Esse ponto avançado era composto de uma guarita onde homens e mulheres eram revistados intimamente pelos *Goldjuden*, com exceção de seus dentes, pois efetivamente os perpetradores julgavam preferível mandar arrancar os dentes de ouro dos cadáveres do que dos vivos.

Considerando o aumento significativo de vítimas mortas, tornou-se inviável a retirada dos dentes de ouro dos cadáveres por meio do método inicialmente aplicado, o qual consistia em revirar as pilhas de corpos para a realização do trabalho, desta forma, a fim de tornar mais rápida esta triagem e extração de dentes de ouro, foi instalada entre as câmaras de gás e as fossas uma fileira de dentistas que possuíam tempo preciso para examinar os cadáveres carregados em macas.

Em 1942 com os preparativos da Solução Final, o campo de concentração feminino de Ravensbrück não participava da lista de campos a serem preparados para este fim, desta forma, o transporte de mais de sete mil mulheres estava para ser enviado a Auschwitz, que por sua vez não estava preparado para receber mulheres por ser um campo essencialmente masculino. Para adequar-se, o comandante de Auschwitz recebeu ordens de Himmler para que providenciasse a separação de uma área exclusiva para a chegada dessas mulheres sendo posto um muro e cerca eletrificada, além de serem cuidadas apenas por mulheres. Segundo Helm (2017), esta foi ação foi implementada mesmo estas mulheres possuindo seu destino selado, pois Auschwitz era um campo também de trabalho forçado, em que mulheres fortes e sadias poderiam ter sua força bastante aproveitada antes de serem enviadas para o gás, além da importância de não gerarem novas vidas.

Em ambos, os crematórios com câmaras de gás eram operados por um grupo especial de prisioneiros, os *Sonderkommandos*, que eram responsáveis por retirar os corpos das câmaras, extrair o ouro dos dentes, vasculhavam cadáveres em busca de bens ocultos, cortavam os cabelos das mulheres mortas que por eventualidade não passaram pelos tonsuradores, levavam os corpos em carrinhos para os fornos e os incineravam. A

cada quatro meses, quando já haviam aprendido e testemunhado demais, eram eliminados, e “a primeira tarefa de cada novo *Sonderkommando* era cremar os cadáveres do *kommando* anterior, exterminados poucas horas antes” (NYISZLI, 1960, p. 15). Em Treblinka, os que tinham seu cargo ligados a procedimentos realizados em cadáveres, os que os carregavam para fora das câmaras de gás, os que lhes arrancavam os dentes e os que os transportavam para as fossas, tinham um trabalho de uma natureza toda especial, ficavam isolados e eram trancados a noite em um segundo campo instalado no canto nordeste do campo geral.

Nos campos a individualidade era subtraída, em que os cabelos dos internos eram igualmente raspados independente do sexo, todos passaram a usar uniformes ou roupas na maioria das vezes de tamanho muito maior ou muito menor e os nomes ignorados completamente ou substituídos por substituíram os nomes por números tatuados em seus braços, como em Auschwitz. O sentimento de perda da individualidade, perda de tudo, de nudez e, segundo Agamben (2008), de Auschwitz como a refutação de toda comunicação obrigatória sendo realizada a base de violência, de cassetetes e porradas é esboçado por Levi:

Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-los, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. [...]meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo (LEVI, 1988, p. 25)

A coleta do cabelo das mulheres passou a ser ainda mais importante em 1943 quando o gabinete principal da administração da SS escreveu para todos os comandantes de campos de concentração uma requisição para envio de cabelo humano

a fim ser processado na empresa Alex Zink, Filzfabrik A.G., em Roth, perto de Nuremberg, e para cada quilo de cabelo humano, o comandante do campo receberia meio marco, em acordo com Gilbert (2010). Cabelo humano era frequentemente usado na fabricação de bombas de ação retardada, onde suas qualidades particulares tornavam-no bastante útil para efeito de detonação.

Chil Rajchman, sobre o seu trabalho de tonsurador de cabelos femininos em Treblinka, revela a vergonha e o grande sofrimento desta tarefa, já que, sobretudo nos campos de extermínio era realizada quase na hora em que iriam ser mortas na câmara de gás: “A pressão psicológica sofrida pelos tonsuradores do campo de extermínio é indescritível, pois tinham a plena noção de que saindo dali o próximo destino daquelas mulheres seria a câmara de gás, a morte” (RAJCHMAN, 2010, p. 50).

As câmaras de gás se enchem e os tonsuradores recebem ordens de parar o trabalho até a câmara estar novamente vaga e cerca de 30 minutos depois a pausa termina e os assassinos nos obrigam a tonsurar nossas irmãs alguns minutos antes de despachá-las pra a morte, e nós, mortos em condicional, obedecemos sob a autoridade do chicote. (RAJCHMAN, 2010, p. 54)

Uma das classificações elaboradas pela SS, era de acordo com a causa do aprisionamento, marcada por tipos diferentes de triângulos que poderiam estar costurados em braçadeiras ou atrás das roupas comuns listradas dos prisioneiros, e cada cor simbolizava o motivo pelo qual estava preso no campo. Em Auschwitz o triângulo verde era para criminosos, o vermelho para judeus que levam a estrela de Davi vermelha e amarela, havia ainda o triângulo rosa para homossexuais e o preto para prisioneiros políticos. Em oposição, Treblinka nunca fez uso dos uniformes listrados.

Alguns prisioneiros desejando fugir, quando iam lançar papeis e fotografias na fossa, aproveitavam de um momento de distração dos guardas ucranianos e lançavam-se eles próprios na fossa e se escondiam sob os cadáveres. Ali teriam que esperar a noite

cair para tentar passar através do arame farpado das cercas. Uma vez dentro da fossa o cheiro de podridão e carne queimada era de tal ordem, que muitos desmaiavam. “Outro perigo mais grave ainda: o de deixar-se cair no dia em que os ucranianos derramavam o enxofre. Esse dia era imprevisível e os que tinham azar de tentar a fuga um dia de enxofre morriam queimados ou asfixiados” (STEINER, 1978, p. 177).

Com pequenas ações que estavam ao seu alcance, os judeus tentavam ajudar os seus companheiros de sofrimento como conta Katina:

O fato de eu estar vivo, hoje, deve-se a um desconhecido judeu. Quando chegamos a Auschwitz, em maio de 1944, ao abrirem nosso vagão, esse jovem aconselhou-me a colocar um sobretudo grande e me apresentar perante o oficial alemão que fazia as seleções dizendo, me alemão, que eu tinha 18 anos, quando, na realidade, tinha 13. Meus colegas da mesma idade não sobreviveram e foram mortos nas câmaras de gás. (KATINA, 2009, p. 16)

Devido a destruição de inúmeros arquivos oficiais pelos nazistas ao fim da guerra, pouco sobrou acerca dos elementos de funcionamento administrativo e cotidiano destes campos de concentração e extermínio aqui destacados, desta forma, as vozes dos testemunhos que quebram seu silêncio à necessidade de contar ao mundo o que ocorreu desejando que não ocorra novamente, são fundamentais, pois revelam detalhes únicos sobre a organização interna, as punições, a consciência, suas estratégias de sobrevivência e o que viram e ouviram, justamente por suas experiências, seu dia a dia, sua vivência, sua interação com os demais, seus sentimentos revelados na narrativa também serem únicos, individuais.

#### **Referências:**

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

- ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DWORK, Debórah, PELT, Robert Jan van. **Holocausto, uma história**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: um Psicólogo no Campo de Concentração**, São Paulo: Vozes, 2015.
- GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GILBERT, Martin. **O Holocausto: uma história dos judeus da Europa durante a segunda guerra mundial**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HELM, Sarah. **Ravensbrück: A história do campo de concentração nazista para mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- KATINA, Henry. **Passagem para a liberdade**. São Paulo: Geração Editorial, 2009.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- NICHTHAUSER, Joseph. **Quero viver... memórias de um ex-morto**. São Paulo: Riela, 1976.
- NYISZLI, Miklos. **Auschwitz o testemunho de um médico**. Rio de Janeiro: Record, 1960.
- RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010
- RHODES, Richard. **Mestres da morte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SAIDEL, Rochelle G. **As judias do Campo de Concentração de Ravensbrück**. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.

STEINER, Jean François. **Treblinka**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.